NOSSOS GRANDES MORTOS

5

GUSTAVO BARROSO

CAXIAS

Livraria AGIR Editôra

CAXIAS

Êste livro foi originàriamente uma palestra pronunciada pelo autor, a 25 de agôsto de 1936, na série "Nossos Grandes Mortos", promovida pelo Ministro da Educação, Sr. Gustavo Capanema. Integrado na coleção que, sob o mesmo título geral, foi criada pela Livraria AGIR Editôra, aparece agora o texto da conferência enriquecido com dados cronológicos sôbre o Duque de Caxias e uma completa bibliografia.

Ràpidamente esgotou-se a 1.ª edição desta obra, o que bem diz da acolhida que lhe deu o público.

O escritor Gustavo Barroso apresenta-se nesta obra com as melhores características de seu estilo e todo o poder de assimilação da nossa história que o singulariza entre todos que se ocupam do tema.

Rigoroso na veracidade dos fatos, não cansa, todavia, o leitor com a enumeração sêca e raquítica de datas e episódios. A vida de nosso maior soldado vai-se revelando, no correr das páginas, quase sem que o leitor o perceba, e a figura de quem foi chamado "Espada do Império" jamais abandona o nosso espírito. As pequenas anedotas, os ditos célebres do Marechal enquadram-se no texto, exatamente naquele lugar próprio, marcando um caráter, firmando as estruturas morais de um personagem histórico.

CAXIAS é leitura agradável como a de um romance de aventura e de heroísmo, sem dar, porém, a idéia de coisa irreal, mas ao inverso, fixando, em linhas fortes, o "símbolo da ordem e da firmeza", o "símbolo da unidade nacional", o "nume tutelar da pátria", que são as três notas destacadas pelo Sr. Gustavo Barroso na pessoa inconfundível do "patrono do Exército Brasileiro".

CAXIAS

NOSSOS GRANDES MORTOS

5

GUSTAVO BARROSO

CAXIAS

2.ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

Livraria AGIR *Editôra*

1953

PREFÁCIO

NOSSOS GRANDES MORTOS

O Ministério da Educação, a partir de 1936, promove uma série de conferências sob o título geral de "Nossos grandes mortos".

Há duas finalidades na iniciativa.

A primeira, de caráter patriótico. Nenhuma mensagem, nenhuma lição tem tanta influência educativa como o exemplo.

Por que deixar no esquecimento as vidas ilustres de nossa história? Por que não trazer constantemente à meditação dos jovens essas figuras que serviram à verdade, lutaram pela justiça, ou se sacrificaram pela liberdade, defesa e honra da pátria?

De Júlio César diz Suetônio que foi incluído no número dos deuses não sòmente por um decreto do senado, mas ainda pela persuasão do povo. Êste é o destino dos notáveis. O que, porém, constitui a maior glória dêles é ficar entre os homens, como uma claridade, como um comando.

Demos êsse lugar aos nossos grandes mortos, aos verdadeiramente grandes.

A outra finalidade é de natureza científica. Quantas figuras admiráveis de nosso passado ainda não foram devidamente estudadas? Quantas andam narradas de modo incompleto e talvez com êrro!

Representará, pois, alguma cooperação com os nossos estudos históricos esboçar essas biografias, acender a curiosidade, suscitar a pesquisa e a controvérsia com relação a nomes muitas vêzes postos de lado.

Publicadas em livro, com notas bibliográficas e cronológicas, as conferências terão certamente maior utilidade.

Propôs-se a essa divulgação a Editôra AGIR — Artes Gráficas Indústrias Reunidas S. A. — E' um esfôrço que o Ministério da Educação considera como valiosa cooperação prestada à sua obra educativa e cultural.

Rio de Janeiro, 27 de junho de 1944.

GUSTAVO CAPANEMA

CAXIAS

A presente biografia de Caxias foi escrita a pedido do ministro Gustavo Capanema, e constituiu uma das conferências da série "Nossos grandes mortos". O autor a leu no dia 25 de agôsto de 1936, em sessão realizada no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música.

1. Símbolo da firmeza e da ordem

No panorama da nossa história, durante o Segundo Reinado, uma figura militar se altana, dominadora e hierática como uma estátua eqüestre no meio duma praça. Os arvoredos e as edificações em volta, copas verdes e formas arquiteturais, nada mais são do que a moldura própria a exaltá-la. O monumento foi erigido no meio da quadra, mas tôda ela parece feita de propósito para o monumento. Assim nos surge aos olhos o vulto do Soldado, que foi a grande e imortal Espada do Império.

A pena dum oficial estrangeiro a sôldo do Brasil traçou-lhe o perfil escultural na mais bela página do seu **Retrospecto** sôbre a guerra contra o tirano Rosas. O Capitão Siber no-lo descreve a cavalo, taciturno, o chapéu armado puxado sôbre os olhos papudos, olhando imóvel as tropas que desfilam à sua frente. Está só. Os oficiais do estado-maior quedam-se à distância. O cavalo e êle sòmente não parecem de bronze, porque a cada bandeira de batalhão que passa, farfalhando entre as baionetas no seu heráldico esplendor verde e amarelo, a mão enluvada, maquinal e vagarosa, se ergue, toca com

dois dedos a ponta do bicórnio emplumado e de novo vai pousar sôbre os coldres.

O mercenário solta uma exclamação de ódio contra essa olímpica serenidade, que classifica de orgulho; mas curva-se reverente em face do extraordinário valor daquele vulto imponente: "Sou forçado a reconhecer", confessa, "que onde quer que êle se achasse dominavam a ordem na administração e a firmeza na direção das tropas". Daí a continuidade do triunfo, a vitória atrelada ao seu carro desde o pronunciamento de Miguel de Frias no campo de Santana à extinção dos Balaios, desde Sorocaba e Santa Luzia a Porongos e Montevidéu, desde a derrota de Oribe e Rosas às de Caballero e López em Avaí e Lomas Valentinas. Daí aquela confiança que animava o veterano sôbre o estrado sangrento de Itororó e lhe dava a convicção de apregoar nas suas proclamações: "Soldados, o General que vos guia nunca foi vencido".

Animou êsse homem-símbolo o espírito da mais pura brasilidade. A ordem, a firmeza, a bravura, a lealdade eram em Caxias virtudes decorrentes do seu devotamento ao serviço da Pátria. Tudo para ela. Tudo por ela. Filho e neto de soldados, irmão, sobrinho e primo de soldados, pertencia a uma verdadeira dinastia militar. Criara-se nas guarnições e nos quartéis, com praça de cadete desde a primeira infância, como era costume na época. Ouvidos acostumados ao toque das cornetas, ao rufo dos tambores e às roucas vozes de comando. Olhos embebidos nas côres dos uniformes, nos reflexos metá-

licos das armas e no esvoaçar colorido dos penachos. Alma habituada ao sacrifício silencioso e às obediências supremas. E mais: um destino que o escolhia para símbolo futuro da glória militar do Brasil entregando-lhe no pôsto de tenente, quando da primeira cerimônia militar da Pátria livre, a primeira bandeira do Império.

Serviu no famoso Batalhão do Imperador, que ajudaria a expulsar os portuguêses da Bahia e participaria da defesa de Montevidéu durante os três funestos anos da campanha da Cisplatina. O velho Lecor, que combatera sob as ordens de Wellington os soldados de Napoleão e conquistara a Artigas a capital uruguaia, louvava-o nos seus ofícios ao Govêrno Imperial. Luís Alves de Lima e Silva chegara já ao pôsto de Capitão e estava nas avançadas da cidade a cargo do general Duarte Guilherme Correia de Melo, que lhe dava carta-branca. Querido entre os soldados, raramente não tinha um bom plano a realizar contra o inimigo. A escuridão da noite era propícia às suas emboscadas e assaltos. A manhã iluminava-o de volta, ora a cavalo com uma centena de homens que empregara, ora a pé, ora num lanchão tomado ao adversário, trazendo troféus e prisioneiros.

Uma das mais interessantes dessas aventuras foi a do Buceo. O Capitão Luís, como diziam os soldados, meteu-se pela obscuridade do Pampa com 150 homens do seu batalhão. Não se enxergava um palmo adiante do nariz. Depois de aprisionarem al-

gumas vedetas, dirigiram-se para a costa. Na enseada do Buceo, alguns orientais preparavam na praia um grande lanchão cheio de armamento, munições de guerra e de bôca. No tôpo dum morrete próximo, ao calor duma fogueira, chimarreavam uns vinte soldados. Com certeza estavam esperando que os outros acabassem de carregar a embarcação. O Capitão Luís cercou-os cautelosamente e, antes que dessem um grito, foram mortos ou aprisionados. Vinte brasileiros os substituiram ao clarão do fogo, enquanto os restantes se deitavam na macega. Daí a pouco veio um dos da praia e gritou na noite escura.

— Che! Pablo, estamos listos! Venga!

O Capitão encostou o cano da pistola na testa dum dos prisioneiros e ordenou-lhe baixinho, por entre os dentes cerrados:

— Vamos, responda!

— Bien, D. Justo, ya vamos!

— Quem é? indagou Lima e Silva.

— Nuestro capitan.

Os vinte homens do Capitão Luís chegaram até o barco e dêle se apoderaram sem um tiro. E Montevidéu viu pela manhã voltarem por água, tripulando o lanchão, com o botim conquistado, os infantes que haviam na véspera saído a pé.

Na noite de 6 para 7 de dezembro de 1827, o Capitão se avizinhava sorrateiramente com cinqüen-

ta homens das linhas inimigas, quando um dêles lhe sussurrou:

— Escute, Capitão! Parece cavalaria.

Todos pararam e prestaram atenção. Os corações batiam. Lima e Silva disse:

— E' cavalaria e vem pela estrada em nossa direção. Não parece ser muita gente. Vamos ver.

Deu ordens em voz baixa a um sargento. Logo se estenderam cordas através do caminho, amarradas às árvores. A tropa ocupou os dois lados. Um rumor de trote largo se aproximava. De repente, distinguiu-se o argentino tinir das bainhas de encontro aos estribos e um murmúrio confuso de vozes. A massa de homens a cavalo, mais escura que a noite, avançava. Detém-se, de súbito, em confusão. Os primeiros animais tropeçam nas cordas, empinam-se, caem ou atiram fora os cavaleiros. Balbúrdia. Gritos. Pragas. A voz do oficial que comanda ordena:

— Alto!

Então, um círculo de baionetas cerca o piquete inimigo composto de uns vinte homens. Há dois fuzis contra cada um. O Major Luís pergunta:

— Quem comanda?

— Yo! replica a voz que mandara fazer alto.

— Entregue a espada! Renda-se!

O inimigo entrega-se. Pela manhã, metade dos soldados que saíra a pé regressava a cavalo, brandindo as lanças tomadas e conduzindo os cavaleiros aprisionados. No quartel-general de Correia da Cos-

ta, Luís Alves de Lima e Silva apresentou o oficial que se rendera: alferes José Venceslau Paunero.

Estranhos e curiosos encontros na vida de Caxias. Em 1851, Paunero tornaria a ver Lima e Silva ali mesmo em Montevidéu. Oficial superior, servia a Urquiza contra Rosas. O antigo Major Luís era Conde e General-Chefe. Em 1864, Paunero encontrou-o novamente em Uruguaiana. O argentino comandava, no pôsto de General, as tropas de seu país. O brasileiro era Marechal, Marquês e Ajudante de Campo do Imperador. E na campanha do Paraguai, que Paunero fêz em parte, o herói das sortidas da Cisplatina seria o condutor supremo da guerra, carregado de glória.

Em 1842, o General Barão de Caxias aprisionou em Santa Luzia o mercenário prussiano Barão Wisner von Morgenstern. Em 1869, agarrou-o novamente em Lomas Valentinas, servindo ao Ditador Solano López. Em 1851-1852, viu Bartolomeu Mitre oficial de artilharia com Urquiza. Na guerra do Paraguai, serviu com êle e substituiu-o no comando.

A paz de 1828 trouxe o então Major Luís à guarnição do Rio de Janeiro e à guarda do Primeiro Imperador como subcomandante do seu Batalhão. Testemunha a abdicação, na triste noite de 6 para 7 de abril de 1831. Seu pai, o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, destinado à Regência do Império, vencedor dos Republicanos de Pernambuco em 1824, está no campo de Santana à frente do povo excitado e das tropas amotinadas. Os corpos que cercam D. Pedro I em São Cristóvão, à medida que o tempo

passa, vão aderindo ao movimento contra o soberano. Vai-se a Artilharia Montada. Vai-se nas sombras da noite o próprio Batalhão do Imperador. Todo? Não. O subcomandante, fiel à ordem e ao trono que a representa como govêrno legitimo, permanece sòzinho no seu pôsto. D. Pedro I manda o Marquês de Cantagalo pedir conselho a essa espada leal e recebe o que Napoleão denominaria **un conseil de lion.**

O Major Lima e Silva propõe ao Imperador que monte a cavalo com êle e siga para a Fazenda de Santa Cruz. Ali armarão os escravos, entrincheirarão a passagem do Campinho e Sua Majestade baixará um decreto, dando baixa em todos os soldados. Os oficiais ver-se-ão abandonados e o soberano voltará triunfante à capital. D. Pedro I hesita um instante e recusa, mandando dizer ao oficial que lhe agradece o alvitre, que se não prejudique por sua causa e vá juntar-se aos companheiros. Depois, assinou a abdicação.

A experiência republicana da Regência cria um decênio de anarquia. Todo o Brasil se convulsiona. Logo de início, o regime monárquico, de que só resta a aparência, não se esboroa definitivamente sob o alude dos pronunciamentos e quarteladas, porque o gênio político de Feijó sabe aproveitar aquela serena firmeza que dera na noite trágica o leonino conselho a D. Pedro I. A missão daquela espada era conservar a unidade nacional. O Major recebe o comando dos Permanentes da Côrte, coopera para esmagar a revolta da ilha das Cobras, ajuda a bater o pronun-

ciamento reacionário da guarnição de São Cristóvão no Aterrado e desfaz com uma carga as veleidades republícanas de Miguel de Frias.

Desde êsses memoráveis sucessos estava definitivamente traçado o rumo da sua vida. Caxias foi a espada que sustentou longos anos o Império, combatendo e, mais do que combatendo, pacificando. Impunha-se pela integridade absoluta de seu caráter. Ninguém, no nosso país, em quatro séculos de história, foi maior do que êle. Guerreiro e político. Diplomata e estadista. Ninguém teve maior fé nos destinos da Pátria e ninguém a serviu com maior brasilidade. Velho e enfêrmo, deixou suas comodidades para ir ao Paraguai consertar, — como dizia, com certa amargura, numa carta íntima ao barão de Muritiba, — as asneiras que outros tinham feito.

Mas essa espada, terrível contra os inimigos externos, sabia embainhar-se a tempo nas lutas fratricidas e render homenagem ao adversário civil que caía ou se entregava. Assim procedeu na revolta liberal de São Paulo e Minas Gerais, esmagada no combate de Santa Luzia do rio das Velhas. Assim procedeu na Balaiada do Maranhão. E assim procedeu na guerra dos Farrapos.

Sua espada e seu tato pacificaram o Rio Grande do Sul. No fim de dez anos de gloriosa luta, os centauros de Piratinim depunham nobremente as armas. Então, o poder de Rosas ameaçava a integridade do Império. O ditador portenho protestava contra o reconhecimento da independência do Paraguai pelo Brasil, graças à atuação de Pimenta Bueno,

mandava o caudilho Oribe assenhorear-se do Uruguai e sonhava a reconstituição do antigo Vice-Reinado de Buenos Aires, acrescentando-lhe o Rio Grande ou, pelo menos, separando-o do Império e tornando-o Estado tampão. À voz de Caxias, os Farrapos acordaram do longo sortilégio guerreiro que custara muita lágrima e muito sangue. Sentiram a ameaça que pesava sôbre o país e desembainharam novamente as espadas sob o comando do Grande Brasileiro, para defenderem a União Nacional. Como antes, como depois e como sempre, o Rio Grande não mentiu ao seu nobre e glorioso papel, reservado pela fatalidade geopolítica, de sentinela da fronteira meridional. E os subchefes de Caxias na arrancada contra Rosas foram os antigos caudilhos farroupilhas, como o chefe do estado-maior foi Miguel de Frias, outro revolucionário por êle batido na Regência.

De como o Grande Soldado costumava agir, dá-nos conta êsse episódio inesquecível:

Derrotados os republicanos gaúchos em Porongos, Caxias marchou sôbre Bagé. A população preparou-lhe festiva recepção. Foi ao seu encontro uma comissão com o vigário à frente. Convidado para aquela solenidade, o Vencedor declarou que não consentiria nos festejos projetados. A comissão ficou estarrecida e o pároco insistiu:

— Ao menos um **Te-Deum,** Excelência.

Caxias respondeu:

— Reverendo, êste triunfo custou sangue brasileiro. As desgraças dos meus concidadãos não po-

dem ser festejadas. A necessidade obriga-me a combater dissidentes, mas os meus sentimentos de brasileiro me fazem prantear as vítimas. Em lugar do **Te-Deum** em ação de graças, Reverendo, celebre missa pelos mortos no combate e eu irei com meus oficiais e soldados assisti-la.

Comentando êste episódio, escrevi há tempos, em um de meus livros sôbre as tradições militares do Brasil:

"Um homem que pensava e procedia dessa maneira merecia que os revolucionários depusessem as armas, confiados em sua palavra de honra, que lhes prometia o esquecimento do passado e o perdão de todos os atos praticados durante a longa, memorável luta. Se o exemplo de Caxias diante de Bagé merece ser imitado em tôdas as contendas civis, em que o perdão e o esquecimento são mais preciosos e úteis do que as perseguições e os castigos, o dos briosos e valentes gaúchos que retomaram lanças e espadas para defender o Brasil do perigo rosista que o ameaçava é, em verdade, um dos mais belos de nossa história e um dos mais raros nos anais humanos.

Deve-se êsse milagre a Caxias, o Pacificador".

Êsse foi o alto pensamento de David Canabarro, aceitando o acôrdo proposto pelo Barão de Caxias com esta proclamação imortal:

"Um poder estranho ameaça a integridade do Império e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniqüidades, e nós parti-

lharemos a glória de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil".

A política toma-o às armas. A investidura senatorial leva-o à presidência por mais duma vez do Conselho de Ministros, onde sua ponderação alivia as crises ou acalma os excessos. Soldado e maçom, embora, anistia os Bispos vítimas da Questão Religiosa. Razão de sobra teve o grande estadista que o louvou nesta frase: — "Seu bom-senso tocava as raias do gênio". O juízo do Visconde do Rio Branco vale, assim, por uma exaltação.

A política sem entranhas mantém-no afastado do comando que só a êle competia pelo valor e pela experiência durante a primeira fase da campanha do Paraguai. Depois do desastre de Curupaiti, apelam para êle. Basta-lhe o tempo de arrumar as canastras da viagem e ei-lo que parte para o teatro da guerra, onde os aliados estão detidos sob a hesitante chefia de Mitre nas traiçoeiras linhas de Rojas. Humaitá fecha a passagem pelo rio. O quadrilátero paraguaio combinado com o pântano e a terra ignota impede o avanço por terra. O velho estrátego chega e opera o milagre.

Nascido no Pôrto da Estrêla em 1803, conta mais de sessenta anos de idade. Veterano da guerra da Independência e da Campanha da Cisplatina, Pacificador do Maranhão, de São Paulo, de Minas, do Rio Grande do Sul, vencedor de Oribe e de Rosas, a idade e os trabalhos não lhe diminuíram aquêle dinamismo que atirou um milhar de recrutas em

rápida marcha sôbre o Cubatão, para isolar a Paulicéia rebelde de Sorocaba, e lançou os guardas-nacionais bisonhos ao assalto temerário de Santa Luzia. Leia-se o **Diário do Exército** e ficar-se-á edificado. Às seis horas da manhã, o senhor Marquês já ouviu missa e monta a cavalo para inspecionar os postos avançados.

Cuida de tudo para obter o milagre da vitória. Forrageia a cavalaria, para ter mobilidade no seu avanço. Encomenda balões, para reconhecer o terreno duma região sem mapas. E, com arriscada marcha de flanco, penetra fundo o sertão inimigo, contornando as fortificações, conquistando um pôrto a montante do rio, permitindo à esquadra subi-lo e fazendo cair o sistema de posições paraguaias. Ao lado da inação de Mitre, é ação e movimento. A audácia da primeira marcha flanqueadora é superada pela da segunda. Através do rio duas vêzes e dos paúis do Chaco estivados de troncos de palmeiras, surge na retaguarda da nova linha de Solano López e enche os dias de dezembro de 1868 com o fragor vitorioso de suas armas: Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Ita-Ivaté. O Ditador foge para as Cordilheiras e, à testa das legiões imperiais, Caxias entra triunfalmente na capital paraguaia. A guerra de movimento, a grande guerra está finda. Vai começar a pequena guerra, a guerra de recursos, a guerrilha. E' grande demais para ela e a saúde alquebrada obriga-o a voltar à Pátria. Marechal do Exército, Ajudante de Campo do Imperador, única Grã-Cruz da Ordem de Pedro, Grã-Cruz de Aviz, do Cruzeiro

e da Rosa com colar, único Duque do Império. Ninguém recebeu tais galardões. Tamandaré teve o colar da Rosa e chegou a Marquês. Osório foi Marquês. Pôrto Alegre, Conde; Inhaúma e Pelotas, Viscondes.

Era olímpico na integridade do seu caráter e na inteireza de sua brasilidade. Jamais descera da altura a que o merecimento e o destino o elevaram. Condestável da Monarquia, Espada do Império, sustentáculo da Ordem Imperial dentro do Brasil e na sua projeção no Continente, seu perfil histórico recorta-se nítido e inconfundível.

Aes triplex! diria dêle o clássico latino. Durante os seis dias da cruenta luta de Lomas Valentinas, diz o **Diário do Exército** com a simplicidade de Xeno fonte: "Sua Excelência o Sr. Marquês de Caxias deu os mais salutares exemplos de abnegação e desprêzo da vida. Sua Excelência manteve-se a cavalo e nas linhas de fogo, indicando a todo o seu Exército como cada um se deve manter no seu pôsto de honra". Na derradeira manhã da pugna, trazem-lhe uma caneca de café. Antes de tomá-la, pergunta se os soldados já o tomaram. Respondem-lhe que não, que não houve tempo para isso. Recusa-o: — "Obrigado! só tomo café depois que meus soldados o puderem tomar". O episódio é bíblico. Lembra David despejando na areia a água da cisterna de Belém que os seus guerreiros foram buscar com perigo de vida no ardor do combate, segundo contam os Paralipômenos.

A um oficial exacerbado que lhe fala de modo atrevido, por se ver contrariado numa pretensão, não deixa prender. Manda submetê-lo a exame de sani-

dade, porque é seu papel não admitir a indisciplina senão como um gesto de loucura. Linha impecável de conduta que o obrigou a protestar contra a genial interpretação pictórica de Pedro Américo no quadro da Batalha de Avaí: — "Onde êsse pintor me viu algum dia com a farda desabotoada?!..."

2. Símbolo da unidade nacional

A grande figura de Caxias como que simboliza na nossa história a unidade nacional que a sua espada, tanto quanto a sua prudência, souberam tão bem defender. De fato, para unir na mesma paz os brasileiros desunidos, como êle conseguiu fazer, não bastava vencê-los com as armas, era mister perdoar-lhes os desvios e os erros. Colocando-se pela sua honradez, pela sua dignidade, pela sua coragem de atitudes e pelo seu nunca superado espírito de brasilidade, espírito de que é paradigma, acima do dissídio dos partidos, das lutas de facções, das paixões individuais, dos juízos de campanário, das incompreensões e recalques, êle pôde realizar essa obra de pacificação pela qual será eternamente glorificado. Não acirrou ódios, aplacou-os: não semeou divergências, aplainou-as; não esporeou invejas, diluiu-as. Não prolongou com os castigos, punições e vinganças as dores das contendas civis, mas suavizou-as com o bálsamo da anistia oportuna.

Lembrando nesta hora grave para o mundo e para a nossa querida pátria a ação do Grande Soldado Pacificador do Norte, do Centro e do Sul, er-

gamos nossas preces ao Altíssimo para que o seu espírito inspire e anime as gerações de hoje e as gerações de amanhã na manutenção da unidade nacional.

Um grande patriota francês escrevia pouco antes da outra guerra estas palavras dignas de meditação no momento presente: "Pensamos sempre que uma nação só pode ser vencida pela fôrça das armas e é um êrro. Ao lado das feridas que fazem correr o sangue das veias, há outras mais perigosas, as que fazem correr o sangue da alma. Onde está a alma dum povo? — Nas suas tradições". Desde que empunho uma pena, usando-a no jornal e no livro, não me tenho cansado de reviver, defender e glorificar as tradições de nossa pátria. Na maioria, os volumes que tenho publicado ensinam a amar e cultuar essas tradições, das quais o Museu Histórico, fundado por mim, é um verdadeiro sacrário.

Quando se diz que, nas guerras, as fôrças morais sobrelevam as fôrças materiais, indica-se implìcitamente a tradição das pátrias, razão espiritual de sua existência e de sua perpetuidade. Penso no caso exatamente como o patriota e escritor francês que citei: uma nação é como uma floresta. Do mesmo modo como as árvores que a compõem vão procurar com suas raízes o húmus acumulado no solo por sucessivas gerações de fôlhas caídas em cada outono, um povo vive do húmus moral formado pelas virtudes, heroísmos, aspirações, dores e esperanças das gerações de homens que, umas depois das outras, juncaram o caminho dos séculos.

"Dessas virtudes, heroísmos, aspirações, dores e esperanças se constituiu um ideal que é o **ideal nacional**", escreve Copin-Albancelli. Cada povo tem o seu e é nêle que reside a sua tradição. Ali se contém a seiva elaborada pelas grandes gerações desaparecidas, o alimento que elas prepararam para as gerações vindouras, de modo que estas existirão porque aquelas existiram. Portanto é revolvendo a sua memória, as tradições seculares, a saudade das gerações mortas que a geração viva dum povo encontra a fonte que deve alimentar sua vida. Sem dúvida, essa geração viva precisa respirar o sôpro das idéias que passam por sua atmosfera, do mesmo modo que as frondes das árvores precisam respirar os princípios contidos no ar que as acaricia ou agita. Mas não pode prescindir de suas tradições, que lhes são tão indispensáveis que, se se interromper num povo a comunicação entre as gerações que morreram e as que estão vivas, isto é, se se apagar a lembrança de suas tradições ou se lhe ensinarem a desprezá-las ou odiá-las, sua alma morrerá como morre a árvore cujas raízes transmissoras de seiva forem cortadas".

Nossa querida pátria atravessa uma época de ameaças e perigos. A guerra dum momento para outro pode atingir o nosso Brasil, desde 1870 coroado de louros da vitória e da oliveira da paz. Às ameaças e aos perigos devemos fazer frente escudados na nossa tradição. Leamo-la nas páginas de nossa história, aprendamo-la na lição que nos legaram os nossos antepassados.

Duas são as fontes da nossa tradição. Uma, espiritual, a religião católica, o cristianismo. Outra, social e política, a unidade nacional através de tôdas as dificuldades, que conservou um patrimônio de cultura e de sentimento em dilatadíssimo patrimônio territorial.

Para expulsar os franceses do Rio de Janeiro, Mem de Sá trouxe gente da Bahia e do Espírito Santo, à qual se juntaram os homens trazidos pelos Jesuítas de São Vicente. Para expulsá-los do Maranhão, Jerônimo de Albuquerque arrebanhou todos os nordestinos. Para expulsar os holandeses, formou-se o glorioso tríptico das raças básicas da nossa formação: brancos, índios e negros. Para acudir ao Sul invadido pelos castelhanos, acorreram milícias do Norte e do Centro, a Legião de São Paulo e o Regimento da Ilha de Santa Catarina. Na arrancada contra Artigas, ombro a ombro marchavam veteranos lusos e veteranos brasileiros. Na Independência, o grito de D. Pedro I no seu manifesto foi êste: "Não se ouça outra palavra que não seja união!"

Consideremos como nume tutelar dessa união o Pacificador, Caxias o gênio militar que soube mais do que vencer, pacificar e unir. Sua espada foi penhor da unidade nacional. Com **balaios** anistiados, venceu os rebeldes liberais. Ao terminar as contendas civis, estendia a mão generosa aos vencidos. Preferia a missa pelos transviados que tinham morrido em combate ao **Te-Deum** do triunfo sôbre irmãos brasileiros. Marchou contra Rosas à frente de legalistas e de farroupilhas, inimigos da véspera irma-

nados no amor do Brasil ofendido. E, na gloriosa dezembrada paraguaia, sua espada jamais vencida relampeou sôbre coortes de brasileiros de tôdas as regiões do País, de tôdas as côres da epiderme e de todos os matizes da política.

Essa é no meu entender a alma histórica do Brasil: coesão, unidade nacional, união de todos diante do inimigo, em face dos perigos que a pátria tenha de atravessar, a qualidade de brasileiro posta acima das opiniões e das ideologias para servir ao Brasil, à terra dos nossos avós, à terra de nossos netos. Sigamos o exemplo de Caxias.

3. Nume tutelar da Pátria

Nesta conferência, deixei de parte os dados biográficos e cronológicos tão preferidos de muitos historiadores, porque pretendi sòmente traçar um esbôço da grande figura militar, nume de nossas fôrças armadas, varão magnânimo e venerável, esbôço em largas pinceladas que o torne visível à distância na sua imponência gloriosa como uma estátua no fundo duma perspectiva.

Evoquemo-la no recuo do tempo como um marco de orgulho nacional e tradição, tal qual a desenhou a pena do mercenário Siber, fazendo-lhe justiça: "...envergando a farda ricamente bordada de Marechal, de chapéu armado e com o punho profusamente agaloado de ouro, assistia ao desfilar das tropas com semblante indolente, lábio pendido e casualmente lhes lançava um olhar vítreo". A mão en-

luvada só se movia em continência às bandeiras que passavam. E as palavras de justiça escorrem da amargurada pena estrangeira: "...onde quer que êle se achasse dominavam a ordem... e a firmeza..."

Rendamos, pois, eterno preito a Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, símbolo da Firmeza e da Ordem.

APÊNDICE

1. DADOS CRONOLÓGICOS SÔBRE O DUQUE DE CAXIAS

1803 —	25 de agôsto	— Nascimento na Vila da Estrêla, Província do Rio de Janeiro.
1808 —	22 de novembro	— Assentamento de praça como 1.º Cadete.
1817 —	25 de agôsto	— Juramento à bandeira no 1.º Batalhão de Fuzileiros.
1818 —	12 de outubro	— Promoção a Alferes, na mesma unidade.
1821 —	2 de janeiro	— Promoção a tenente, idem.
1822 —	10 de novembro	— Na bênção e distribuição das bandeiras do novo Império aos corpos da guarnição fluminense, recebe a primeira como tenente do 1.º de Fuzileiros.
	24 de dezembro	— Nomeado Ajudante do seu Batalhão.
1823 —	2 de julho	— Entra na Bahia, de onde acabam de ser expulsos os portuguêses, com o seu Batalhão.
	16 de novembro	— Regressa da Campanha da Independência, na Bahia.
1824 —	22 de janeiro	— Promoção a capitão.

	17 de fevereiro	— Nomeado Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, que acabava de ser criada.
	5 de abril	— Transferido do 1.º de Fuzileiros para o Batalhão do Imperador.
1825 —	maio	— Segue para a Cisplatina.
	2 de julho	— Condecorado com a medalha da campanha da Independência.
1827 —	5 de junho	— Destroça uma fôrça oriental em Moronos, arredores de Montevidéu.
	17 de junho	— Faz uma sortida vitoriosa ao Buceo, nas cercanias de Montevidéu.
	14 de julho	— Bate uma partida de Orientais numa emboscada.
	7 de agôsto	— Derrota os Orientais de Pancho Oribe.
	12 de outubro	— Nomeado Comendador da Ordem de Aviz.
	6 de dezembro	— Aprisiona perto de Montevidéu o Alferes, mais tarde famoso General, Venceslau Paunero.
1828 —	7 de junho	— Faz nova sortida vitoriosa em Montevidéu.
	2 de dezembro	— Promoção a Major.
1829 —	6 de março	— Transferido para o 1.º Regimento de Infantaria de 2.ª Linha.
	6 de junho	— Mandado servir de novo no Batalhão do Imperador.

	18 de outubro	— Nomeado Cavaleiro da Ordem da Rosa.
1831 —	7 de abril	— Conserva-se fiel até o último momento na abdicação de D. Pedro I.
	7 de outubro	— Participa com brilho da tomada da ilha das Cobras aos revoltosos da Artilharia da Marinha.
1832 —	3 de abril	— Desbarata os revoltosos de Miguel de Frias no campo de Santana.
	7 de junho	— Passa a servir como 2.º Comandante do Corpo de Permanentes da Côrte.
	18 de outubro	— Nomeado Comandante dos Permanentes.
1833 —	6 de janeiro	— Casa-se com D. Ana Luís de Loreto Carneiro Viana.
	30 de outubro	— Apresenta o diploma do estudo de Curso de Infantaria e Matemáticas.
1837 —	16 de setembro	— Promoção a tenente-coronel.
1839 —	12 de dezembro	— Nomeação para Presidente e Comandante das Armas da Província do Maranhão, devastada pela guerra civil da Balaiada.
1840 —	7 de fevereiro	— Toma posse da Presidência e do Comando das armas do Maranhão.
	19 de junho	— Promoção a coronel.
	2 de agôsto	— Nomeação para Veador das Princesas.

1841 —	15 de janeiro	— O Chefe Balaio Raimundo Gomes Vieira Jataí submete-se em Miritiba.
	19 de janeiro	— Ordem do dia anunciando a pacificação do Maranhão.
	31 de julho	— Nomeado Barão de Caxias.
	9 de agôsto	— Promoção a brigadeiro.
1842 —	26 de abril	— Nomeação para Comandante das Armas da Côrte.
	18 de maio	— Nomeação de Vice-Presidendente da Província de São Paulo, onde estalou a Revolução Liberal.
	23 de maio	— Chegada a São Paulo.
	20 de junho	— Entra em Sorocaba, vencida a Revolução.
	20 de julho	— Nomeação de Comandante das Armas da Província de Minas Gerais, onde também estalou a Revolução.
	23 de julho	— Nomeação de Ajudante de Campo do Imperador.
	25 de julho	— Assume o Comando das Armas em Minas.
	6 de agôsto	— Entra em Ouro Prêto, capital da Província.
	20 de agôsto	— Derrota e esmaga os rebeldes no combate de Santa Luzia do Rio das Velhas.
	11 de setembro	— Nomeação de Grã-Cruz da Ordem de Aviz.
	28 de setembro	— Nomeado Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

8 de outubro — Nomeado Comandante do Exército em operações contra os Farrapos.

29 de outubro — Partida para o Rio Grande do Sul.

9 de novembro — Assume a Presidência e o Comando das Armas no Rio Grande do Sul.

1843 — 11 de janeiro — Inicia as operações militares contra os Farrapos, atravessando o rio São Gonçalo.

1844 — 18 de dezembro — Decreto de anistia aos Farrapos.

1845 — 1 de maio — Proclamação da pacificação do Rio Grande do Sul.

2 de abril — Nomeação de Conde de Caxias.

11 de agôsto — Promoção a marechal-de-campo graduado.

1 de setembro — Nomeação de senador do Império.

1846 — 11 de maio — Toma assento no Senado.

1847 — 27 de março — Eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1851 — 21 de junho — Nomeação para comandar o Exército do Sul contra Oribe e Rosas.

29 de junho — Nomeação para Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

4 de setembro — Invade o Estado Oriental à frente do Exército Brasileiro.

	17 de novembro	— Ordem do dia reorganizando o Exército.
	25 de novembro	— Entra na Colônia do Sacramento.
	14 de dezembro	— Proclamação ao Exército contra Rosas.
1852 —	12 de março	— Promoção a tenente-general.
	4 de abril	— Inicia a marcha de regresso da Colônia, após a derrota de Rosas em Caseros.
	4 de junho	— Ordem do dia agradecendo os serviços das tropas na campanha do Estado Oriental e de Buenos Aires.
	26 de junho	— Recebe a medalha de ouro da Campanha do Uruguai.
1853 —	1 de julho	— Nomeação de Marquês de Caxias.
1855 —	14 de junho	— Nomeado Ministro da Guerra.
1858 —	18 de dezembro	— Nomeado Conselheiro de Guerra.
1861 —	2 de março	— Nomeado Ministro da Guerra e Presidente do 16.º Gabinete Ministerial do Império.
1862 —	21 de maio	— Demissão do 16.º Gabinete.
1865 —	18 de setembro	— Como Ajudante de Campo do Imperador assiste à rendição dos paraguaios em Uruguaiana.
1866 —	10 de outubro	— Nomeado Comandante-Chefe do Exército Imperial em operações no Paraguai.

	13 de outubro	— Promovido a marechal do Exército.
	17 de outubro	— Nomeado Grã-Cruz da Ordem da Rosa.
	18 de novembro	— Assume o comando do Exército Imperial em Tuiuti.
1867 —	22 de julho	— Inicia a famosa marcha de flanco sôbre Tuiu-Cué.
	31 de julho	— Chega a Tuiu-Cué.
1868 —	13 da janeiro	— Assume definitivamente o Comando do Exército Aliado com a retirada de Mitre.
	19 de fevereiro	— Tomada do reduto Cierva ou do Estabelecimento.
	3 de março	— Nomeação de Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro.
	28 de março	— Recebe a medalha de Mérito Militar.
	17 de agôsto	— Inicia o ataque ao Tebicuari.
	27 de novembro	— Transfere seu quartel-general para o Grão-Chaco, iniciando nova marcha de flanco.
	5 de dezembro	— Conclui a marcha de flanco desembarcando o Exército em Santo Antônio.
	8 de dezembro	— Vence a batalha de Itororó.
	11 de dezembro	— Vence a batalha de Avaí.
	21 de dezembro	— Inicia o ataque às Lomas Valentinas.
	26 de dezembro	— Nomeado Grã-Cruz da Ordem de Pedro I.

	27 de dezembro	— Termina a batalha de Lomas Valentinas com a tomada de Ita-Ivaté.
	29 de dezembro	— Acampa diante de Angostura.
	30 de dezembro	— Rendição de Angostura.
1869 —	5 de janeiro	— Entra triunfalmente em Assunção.
	18 de janeiro	— Despede-se do Exército.
	15 de fevereiro	— Chega doente ao Rio de Janeiro.
	23 de março	— Recebe o título de Duque de Caxias.
1875 —	25 de junho	— Nomeado Ministro da Guerra e Presidente do Gabinete.
1878 —	5 de janeiro	— Deixa o Ministério.
1880 —	7 de maio	— Falecimento do Duque de Caxias, na fazenda de Santa Mônica.
	9 de maio	— Funerais do Duque de Caxias, no Rio de Janeiro.

2. Bibliografia

ALENCASTRE (ÁLVARO DE) — **Caxias e seus adversários.**

ALVES MATEUS (Cônego Joaquim) — **Oração gratulatória pelo têrmo da guerra do Paraguai.**

ARARIPE (TRISTÃO DE ALENCAR) — **Guerra civil no Rio Grande do Sul.**

BARROSO (GUSTAVO) — **O Brasil em face do Prata — História Militar do Brasil — A Guerra do Vidéu — A Guerra do López — Caxias no Museu Histórico Nacional.**

BILAC (OLAVO) — **Discursos e conferências.**

BORMANN (Marechal BERNARDINO) — **Rosas e o Exército Aliado — Guerra do Paraguai.**

BURTON (R.) — **The Battlefields of Paraguay.**

CALOGERAS (PANDIÁ) — **Formação histórica do Brasil.**

CAMPOS (Padre JOAQUIM PIRES DE) — **Vida do Grande Cidadão Brasileiro Luís Alves de Lima e Silva.**

CARVALHO (AFONSO DE) — **Caxias.**

CARVALHO (ALFREDO DE) — **Memórias dum oficial de caçadores.**

CAPDEVILA (ARTURO) — **Las vísperas de Caseros.**

CERQUEIRA (General DIONÍSIO DE) — **Reminiscências da Campanha do Paraguai.**

DIAS (CESAR) — **Memórias.**

DIAS (SÁTIRO) — **O Duque de Caxias e a Guerra do Paraguai. Diário do Exército.**

FIGUEIREDO (LIMA) — **Grandes soldados do Brasil.**

FIX (THÉODORE) — **La guerre du Paraguay.**

GARMENDIA — **Recuerdos de la guerra del Paraguay.**

GONZAGA DUQUE — **Revoluções brasileiras.**

JOURDAN — **História das campanhas do Uruguai, Mato-Grosso e Paraguai.**

LEMOS BRITO — **Guerra do Paraguai.**

MARACAJU (Visconde de) — **Guerra do Paraguai.**

MARBONN — **Caxias e Mitre.**

MARINHO (Cônego JOSÉ ANTÔNIO) — **História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar no Rio Grande do Sul.**

MARQUES (AZEVEDO) — **Rebelião de São Paulo.**

MASTERMANN — **Siete años de aventuras en el Paraguai.**

MILTON (CAYO) — **Guerre du Paraguay.**

MORAIS (E. DE VILHENA) — **Caxias em São Paulo.**

NABUCO (JOAQUIM) — **Um estadista do Império.**

OSÓRIO (FERNANDO) — **História do General Osório.**

OURO PRÊTO (Visconde de) — **A Marinha de outrora — A esquadra e a oposição parlamentar.**

PALLEJA — **Diário.**

PEREIRA DE ALENCASTRE — **Notas Diárias.**

PEREIRA DE SOUSA (OTAVIANO) — **Guerra do Paraguai.**

RIO BRANCO (Barão do) — **Efemérides Brasileiras.**

Revista Militar Brasileira — Número comemorativo do 133.º aniversário do nascimento de Luís Alves de Lima e Silva, 1936.

RODRIGO OTÁVIO — **A Balaiada.**

ROCHA (JUSTINIANO JOSÉ DA) — **Marquês de Caxias.**

ROMERO (SÍLVIO) — **O Duque de Caxias e a Integridade Brasileira.**

SCHNEIDER — **A guerra da Tríplice Aliança.**

SEEBER — **Cartas sobre la guerra del Paraguay.**

SEIDL (RAIMUNDO PINTO) — **O Duque de Caxias.**

SERRA (ASTOLFO) — **Caxias e seu govêrno civil na Província do Maranhão.**

THOMPSON — **La guerra del Paraguay.**

TITARA (SANTOS) — **Memórias do Grande Exército Libertador do Sul da América.**

VARELA (ALFREDO) — **Revoluções Cisplatinas — História da Grande Revolução.**

VELHO DA SILVA — **Homens e fatos da história pátria.**

WASHBURN — **The war of Paraguay.**

Obras do autor:

I — Sociologia sertaneja

1 — Terra de Sol
2 — Heróis e Bandidos
3 — Almas de lama e de aço

II — Contos e novelas regionais

4 — Praias e várzeas
5 — Mosquita muerta
6 — Mula sem cabeça
7 — Alma sertaneja
8 — Mapirunga

III — Contos e novelas

9 — A Ronda dos Séculos
10 — Pergaminhos
11 — Antes do Bolchevismo
12 — En el tiempo de los zares
13 — Livro dos milagres
14 — O bracelete de safiras
15 — Mulheres de Paris

IV — Romances

16 — Tição do Inferno
17 — O Santo do Brejo
18 — A Senhora de Pangim

V — História

19 — Tradições militares
20 — Uniformes do Exército (em colaboração)
21 — O Brasil em face do Prata
22 — História Militar do Brasil
23 — História Secreta do Brasil — 3 vols.

VI — **Biografias**

24 — Osório, o Centauro dos Pampas
25 — Tamandaré, o Nelson Brasileiro
26 — Pero Coelho de Sousa
27 — Salazar, o Chefe Cristão

VII — **Museologia**

28 — Catálogo Geral do Museu Histórico
29 — Catálogo comentado da Exposição histórica do Brasil nos Centenários de Portugal
30 — Catálogo comentado da Sala Miguel Calmon.
31 — Caxias no Museu Histórico
32—34 — Anais do Museu Histórico Nacional — I — II — III

VIII — **Heráldica**

35 — A heráldica dos Vice-Reis do Brasil.

IX — **Literatura didática**

36 — A ortografia oficial
37 — Lições de moral
38 — Vocabulário das crianças

X — **Literatura infantil**

39 — O Anel das Maravilhas
40 — Apólogos orientais
41 — Quando Nosso Senhor andou no mundo

XI — **Literatura histórica**

42 — A guerra de Artigas
43 — A guerra do Vidéu
44 — A guerra do Rosas
45 — A guerra do Flores
46 — A guerra do López
47 — O livro dos enforcados

XII — **Economia e finanças**

48 — A balata
49 — Brasil — colônia de banqueiros

XIII — **Erudição**

50 — Inteligência das coisas
51 — As colunas do templo

XXII — **Memórias**

77 — Coração de menino
78 — Liceu do Ceará
79 — Consulado da China

XXIII — **Dicionário**

80 — Pequeno dicionário popular brasileiro (em colaboração)

XXIV — **Coletânea**

81 — Os melhores contos históricos de Portugal

XXV — **Críticas e panfletos**

82 — Judaísmo, comunismo e maçonaria
83 — A sinagoga paulista
84 — Reflexões dum bode

XXVI — **Traduções**

85 — Fausto
86 — Comédias e provérbios — I — II
87 — Tratado de paz
88 — O bosque encantado
89 — O enigma de Ragschott
90 — Lyautey
91 — A viagem submarina
92 — Jesus desconhecido
93 — A destruição da Atlântida — I — II
94 — O continente aéreo
95 — A Batalha
96 — Os Homens Novos
97 — Os civilizados
98 — A castelã do Líbano
99 — Marat
100 — A maçonaria — seita judaica
101 — Pequena história do mundo
102 — Jesus Cristo

XXVII — **Tradução anotada e comentada**

103 — O Rio de Janeiro como é (em colaboração)

ÍNDICE

NABUCO

Múcio Leão

No ensaio que é êste livro, Mucio Leão estuda as várias influências que, através dos lances ora agitados, ora serenos de sua vida, recebeu êsse grande brasileiro que foi Joaquim Nabuco.

Essas influências foram várias — vieram de Portugal, da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos. E, predominando sôbre tôdas, mais constantes e mais fecundas do que as outras, vieram da Religião.

É êsse exame detido e minucioso, em que a meditação crítica se alia à admiração e ao aprêço, que Múcio Leão, pernambucano como Joaquim Nabuco, realiza nestas suas páginas.

O trabalho marcou o início das comemorações com que a Academia Brasileira de Letras celebrou, em 1949, a passagem do centenário do autor de MINHA FORMAÇÃO.

PREÇO DÊSTE VOLUME: Cr$ 15,00